

**Como se livrar de um preconceito:
análise do afroconsumo da personagem Annalise Keating¹**

*How to get away with prejudice:
analysis of afroconsumption of Annalise Keating*

Joselaine CAROLINE²

Resumo

Este texto tem como objetivo analisar os cruzamentos sociais, raciais e midiáticos da personagem de Annalise Keating, da série *How to get away with murder* partindo da popularização dos produtos audiovisuais de temática negra e breves pressupostos do Movimento Negro acerca da valorização da cultura negra. Abordaremos as ressignificações da cultura negra na perspectiva decolonial para compreender de que forma a mídia colabora na estruturação do racismo na sociedade. Os resultados apresentam uma democratização nas formas de consumo da cultura afro na sociedade, e popularização da cultura negra como uma forma de enfrentar e desconstruir as lógicas do racismo.

Palavras-chave: Audiovisual. Racismo. Consumo midiático. Negritude. Annalise Keating.

Abstract

This text aims to analyze the social, racial and media crossings of Annalise Keating's character in *How to get away with murder* serie starting from the popularization of the black theme in the audio-visual products and the Black Movement assumptions about the valorization of the Black culture. We will approach the resignification of the Black culture in the Decolonial perspective to understand in which way the media helps to structure the racism in the society. The results present a democratization in the consumption issues of the black culture in the society, and the popularization of the black culture as a way to face and to deconstruct the logic of racism.

Keywords: Audio-visual. Racism. Media consumption. Blackness. Annalise Keating.

¹ Uma versão prévia deste trabalho foi apresentada no II Colóquio de Feminismo e História da Arte: Existências e Resistências, realizado nos dias 4, 5 e 6 de Novembro de 2019, em Porto Alegre.

² Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS).
E-mail: joselaine.caroline@ufrgs.br

Introdução

A construção dos corpos negros dentro do audiovisual perpassa as formas como as lógicas do racismo operam dentro da sociedade. Mas as práticas de ressignificação de sentido sobre a representação da negritude têm resultado em mudanças significativas dentro da sociedade, nas relações e no consumo de mídias.

Não obstante, o Movimento Negro e feminista tem atuado sobre a desconstrução dos estereótipos negativos que foram instaurados na sociedade desde o colonialismo e a escravidão, pautando questões de identidade e diferença dentro das esferas públicas e privadas. E, lentamente é possível ver que os atravessamentos acerca o silenciamento dos corpos negros no campo do audiovisual, aos poucos têm dado espaço ao protagonismo e abordagens que aos poucos emancipam as mulheres negras da figura de empregada doméstica, assim como a sexualização dos seus corpos.

No fluxo dessas mudanças a série *How to get away with murder* (ABC, 2014-Presente), série da ABC, protagonizada por Viola Davis, no papel de Annalise Keating, articula no circuito midiático uma forma de ressignificar a mulher negra na sociedade, ainda que dentro do campo audiovisual.

A partir de uma análise fílmica (PENAFRIA, 2009) e revisão bibliográfica busca-se na análise da literatura estabelecer uma avaliação crítica, com seleções específicas e ponderações (FLICK, 2013) para dialogar acerca dos atravessamentos culturais, institucionais e midiáticos da construção da imagem da mulher negra na mídia e na sociedade.

A partir da personagem de Annalise Keating discorreremos sobre as articulações sociológicas que se dão entre a distribuição da imagem negativa da mulher negra na sociedade através da mídia hegemônica, e a busca pela representatividade e visibilidade das mulheres negras está diretamente ligada às manifestações contra as lógicas do racismo estrutural das instituições.

Neste texto realizamos apontamentos a fim de tentar compreender como o afroconsumo opera em culturas que são atravessadas pelas lógicas do racismo.

A narrativa de Annalise Keating

A figura da mulher negra representada usualmente por personagens domésticas, afrontosas, barraqueiras, sensuais e erotizadas. aos poucos têm dado espaço para personagens negras, empoderadas, fortes e bem-sucedidas. E, esse movimento ao que se parece, tem sido global.

A produtora, cineasta e roteirista estadunidense Shonda Rhimes, destaca-se em suas produções pela abordagem de questões raciais e diversidade, dando espaço e destaque para personagens negras respeitadas dentro e fora das narrativas. Dentre os produtos audiovisuais mais populares de Shonda Rhimes – na ABC (American Broadcasting Company) – *How to get away with a murderer* (ABC, 2014-Presente), *Scandall* (ABC, 2014) e *Grey's Anatomy* (ABC, 2005). As produções audiovisuais comandadas e roteirizadas por Shonda Rhimes trabalham abordagens contemporâneas em suas narrativas, e a série *Grey's Anatomy* está atualmente na 15ª temporada, batendo recorde de episódios e tempo no ar, e também figurando no ranking das séries mais assistidas do Netflix – serviço global de séries e filmes via streaming.

A série *How to get away with murder* foi criada por Peter Nowalk e produzida por Shonda Rhimes. O sucesso da série e da protagonista Annalise Keating, interpretada por Viola Davis, tornou à atriz a primeira afro-americana a receber o prêmio de Melhor Atriz em série dramática no Emmy Award, assim como indicações ao Globo de Ouro e Critic's Choice Awards.

A narrativa seriada trata sobre a vida pessoal e profissional da professora universitária e advogada penal Annalise Keating, seus assistentes e alunos. E, é válido ressaltar que o sucesso de Annalise Keating é reflexo da construção da personagem negra contemporânea e empoderada, atravessada pelas técnicas de atuação e direção. A atuação de Viola Davis, a visibilidade e protagonismo de uma mulher negra em uma série do gênero de suspense, em uma narrativa forte entrelaçada por crimes e assuntos transversais como direitos humanos, LGBTQ+, adoção, vida acadêmica, maternidade, traição, entre outros, são fatores que corroboram fortemente para a análise do consumo midiático da série.

É importante ressaltar que concordamos com Jacks *et al.* (2014), na abordagem de consumo midiático,

diz respeito ao consumo do que a mídia oferece: nos grandes meios – televisão, rádio, jornal, revista, internet, sites, blogs, celulares, tablets, outdoors, painéis, etc. – e nos produtos/conteúdos oferecidos por esses meios – novelas, filmes, notícias, informações, entretenimentos, relacionamentos, moda, shows, espetáculos, publicidade, entre outros. Neste contexto, a oferta da mídia inclui também o próprio estímulo ao consumo, que se dá tanto através da oferta de bens (por meio do comércio eletrônico e da publicidade), quanto no que se refere a tendências, comportamentos, novidades, identidades, fantasias, desejos (JACKS; TOALDO *et all*, 2014, p. 4).

A partir de uma análise fílmica (PENAFRIA, 2009), juntamente com apontamentos e leituras resultantes do método interpretativo da cena. As especificidades técnicas, planos e direção também se mostram importantes para pensarmos essa análise, mas o visual e o sonoro não serão analisadas tecnicamente. Ainda que o contexto narrativo seja abordado, o viés ideológico do produto audiovisual é o nosso principal objeto de estudo.

Para tentar delinear e articular parte dos conflitos culturais e acadêmicos que eu encontrei a triangulação de perspectivas teóricas se mostrou eficaz para que neste estudo possamos articular os diferentes métodos e perspectivas conceituais e teóricas para a recolha de dados e a análise do objeto (FIGARO, 2014). A partir de alguns questionamentos optei por tentar construir uma prática teórico-metodológica onde busca-se combinar as teorias eurocêntricas e os paradigmas decoloniais que passaram a fazer parte da trajetória de pesquisa, uma vez que “o fenômeno é complexo, o método é plural e os sujeitos são mutáveis, absolutamente dependentes do ambiente e das condições sociais onde a pesquisa se realiza” (TUZZO e BRAGA, 2015, p. 151).

Devido à temática do trabalho, acho importante situar as formas metodológicas ocidentais e da afrocentricidade³ nas discussões – esta que surge em resposta à supremacia branca, buscando, de certa forma, dar “ênfase à complementaridade, e não do conflito” (MAZAMA, p. 125), ainda que os tensionamentos se construam de forma contestadora. Ainda, opto por dialogar com autores negros e latino-americanos, pois a especificidade da raça neste trabalho figura como principal temática do texto.

³ A afrocentricidade, termo cunhado por Molefi Asante (1980) – que surge em resposta à superioridade da cultura da branquitude na sociedade de forma natural e orgânica – *é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos* (ASANTE, 2008, p. 93, grifo do autor).

Partindo do sucesso da série, e da exportação audiovisual americana e a para o mundo, considera-se importante pensar a forma como o consumo midiático, juntamente com as práticas de valorização da mulher negra estão forçando uma mudança institucional na constituição e abordagem de produtos audiovisuais, principalmente no que se refere à raça e as questões LGBTQ+. E os Estados Unidos enquanto exportador mundial de produtos audiovisuais, principalmente no âmbito das narrativas seriadas que trazem à televisão a qualidade de cinema, as novas dinâmicas espetatoriais, mostram que as séries, tanto no âmbito da forma, contexto tecnológico e consumo apresentam uma marca do produtor (*showrunner*) que enquanto centro criativo do programa, estabelece um padrão de encenação (SILVA, 2014).

Logo é possível perceber que a identidade audiovisual das produções de Shonda Rhymes são características das séries produzidas por ela. Além da importância da produtora estadunidense, também é possível associar o protagonismo da personagem a uma configuração importante na mudança dos processos sociais, no âmbito da negritude e enfrentamento às lógicas do racismo.

Na série, Annalise Keating é uma mulher negra, advogada e professora dedicada e de sucesso, ciente de suas capacidades profissionais e intelectuais e de personalidade forte. Ao longo da série, através de *flashbacks* – o recurso de edição –, podemos ver montagens que elucidam muitas ações que nos dão motivos que levam a personagem a se comportar de uma forma tão imperativa e respeitada. A advogada enfrenta promotorias, empresários e empresas poderosas, o Estado, juízes e defende seus clientes na área Cível do Direito. Ela também é casada com seu antigo terapeuta, Sam Keating – e que é um dos suspeitos de ter matado uma jovem com quem mantinha um relacionamento, extra-conjugal –, que acaba sendo assassinado por um de seus alunos. Mesmo envolvida por acidente em uma trama de assassinatos, sendo julgada pelos colegas de profissão e sofrendo constantes ameaças, Annalise continua forte e afrontosa nas telas.

No 4º episódio da 1ª temporada uma das cenas mais emblemáticas da série, onde Annalise Keating senta-se em frente do espelho e começa a despir-se, ato que pode ser compreendido que ela, enquanto mulher e negra, precisa passar por um processo de embranquecimento e padronização estética para ser aceita na sociedade que ela está inserida na trama.

Primeiro ela tira as jóias – anel, pulseira e corrente –, onde podemos interpretar que ela está se livrando das correntes do sistema judiciário e penitenciário onde ela trabalha. Ao tirar a peruca de cabelos lisos nos remete ao fato dela sair do processo de embranquecimento e padronização estética onde há a referência de cabelo bonito parte do ideal de beleza eurocêntrico, o da mulher branca. As diversas perucas que Annalise Keating usa durante toda a série nos move a pensar e refletir sobre aos diversos tipos de alteregos que ela assume e mostra na trama. Então quando a vemos sem peruca podemos pressupor que neste momento ela está sendo ela mesma, em um momento de intimidade dela com seus entes mais próximos.

A maquiagem é o próximo movimento de Annalise, e, ao começar tirando os cílios postiços, podemos pensar sobre a venda que a personagem coloca para fingir que não enxerga o racismo, o machismo, a impunidade e até mesmo os crimes cometidos pelos seus clientes, a quem ela precisa defender. Logo após ela pega um lenço umedecido e começa a passar nos olhos, tirando a sombra, o delineador e o rímel dos olhos, o que nos remete ao fato dela voltar a enxergar os problemas dentro da própria casa e do seu círculo de amizade. A professora também passa o pano no rosto inteiro e tira o batom da boca, nesse momento ela apresenta um semblante de dor e tristeza, como se ela estivesse livre para falar. Ao final da limpeza da maquiagem vemos um semblante que apresenta um certo alívio, ainda que triste. Então temos plano de *close* fechado para ela esfregando as mãos, com o que parece ser um creme. Já no próximo plano – americano – ela começa a massagear-se, passa as mãos na cabeça, no pescoço e no colo, quando seu marido Sam entra no quarto, dá um beijo em seu rosto.

Nilma Lino Gomes (2017; 2019) disserta sobre como a identidade, ainda que seja individual, passa por movimentos de rejeição e aceitação, pois a mesma constrói-se de forma coletiva, e o Movimento Negro é “capaz de transformar em emancipação aquilo que o racismo construiu como regulação conservadora” (GOMES, 2017, p. 99). A necessidade de embranquecimento visual de Annalise é resultado da hegemonia midiática, onde reproduziu-se por muito tempo o senso comum de que o ideal de beleza tem como referencial o padrão branco, assim como também faz parte da “regulação política e social que retira o negro do lugar da beleza” (GOMES, 2017, p. 100).

A colaboração da mídia hegemônica na abordagem e construção da imagem da mulher negra na sociedade reflete diretamente na cultura popular e no senso comum, que de acordo com Muniz Sodré “está habituado a pensar a diferença como um ponto de

partida, e então julga a partir da identidade da diferença do outro, como se a identidade fosse alguma coisa pronta e acabada” (SODRÉ, 2006, p. 8). Não obstante, essa construção acaba resultando em um tipo de “espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima” (CARNEIRO, 2013, p. 127 e 128).

No campo da audiovisual através da mídia hegemônica é possível identificar, ao longo da história, produções e narrativas que reforçam a subalternidade, ignorância e futilidade dos corpos negros dentro das telas. A imagem da mulher negra foi por muito tempo erotizada, sexualizada ou subalternizada, entretanto Annalise Keating acaba ressignificando as afrodescendentes e alcançando sucesso.

A mídia hegemônica

As instituições midiáticas foram fundamentais na estruturação do racismo na sociedade, pois “a mídia o diz e como parece que ocorre como a mídia quer, acentua-se a mediatização social, o peso das encenações, as ações políticas se constituem enquanto imagens da política” (CANCLINI, 1998, p. 290). E, o racismo institucional, praticado pelos indivíduos que roteirizam, operam, produzem e constituem os produtos audiovisuais durante muito tempo, colaborou para a construção do lugar das pessoas negras na sociedade, pois a maioria dos produtos audiovisuais, como é o exemplo de séries e novelas, inspira-se no cotidiano das pessoas comuns da sociedade.

Entretanto, o fato de que “a cultura popular negra tem permitido trazer à tona, até nas modalidades *mainstream*, elementos de um discurso que é diferente – outras formas de vida, outras tradições de representação” (HALL, 2013, p. 380). E, nesse paralelo observa-se um fluxo de ressignificações e mudanças nas práticas de consumo e produção midiática que abordam a temática da negritude, criando um movimento de contestação do público, muitas vezes atribuída e destacadas na mídia através das redes sociais digitais.

A partir desse recorte apresentamos a possibilidade – e necessidade – de abordar as questões relacionadas à contracultura, pensando a negritude como grupo étnico racial cuja cultura fora silenciada desde a escravização. Tal movimento é um item chave para a popularização e emergência da contracultura que resulta no crescimento e

fortalecimento do nicho mercadológico do afroconsumo⁴, que de uma certa forma tenta se conectar às heranças culturais africanas, mas que são atravessadas na cultura pelas práticas mercantis da modernidade.

Das características que constituem a prática do afroconsumo, em convergência com a contracultura é possível identificar uma linha de pensamento que se aproxima das teorias pós-coloniais e decoloniais – teoria crítica que reflete sobre senso comum, espaço, tempo, conhecimento, subjetividade e aspectos da experiência humana aos quais os sujeitos colonizados construíram e constroem suas visões de mundo (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 29). É válido ressaltar que a decolonialidade mostra que o sentido de raça não era conhecido antes da América, onde identidades sociais novas se fundaram a partir das diferenças fenotípicas entre conquistados e conquistadores (QUINJANO, 2005).

Nelson Maldonado Torres diz que é

...necessário refletir criticamente sobre o enredamento de marcadores de civilização com ideias que postulam outros povos como primitivos ou selvagens, e sobre as formas nas quais a modernidade ocidental sempre pressupõe definições e distinções dessa natureza. (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 30).

Seguindo por essa lógica, e no contexto da heterogeneidade cultural, concorda-se que “são necessários outros instrumentos conceituais para compreender as novas modalidades de cultura, hibridação das tradições de classes, etnias e nações” (CANCLINI, 1998, p. 283). Entretanto as premissas da cultura negra e as convergências do campo audiovisual mostra que a partir do afroconsumo é possível perceber que muitas formas de consumo se dão em forma de protesto racial. Como é o caso do movimento “se não me vejo, não consumo”, que de certa forma busca representatividade, valorização da cultura negra, porque “[...] por trás da questão do significado do colonialismo e da descolonização, está o colonizado como questionador e potencial agente [...], diferente da posição esperada deles como entidades sub-humanas dócias” (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 33).

As pessoas negras que se organizam coletivamente para direcionar suas formas de consumo, seja ele midiático ou de bens, contestam seu próprio potencial de consumidor, o consumo passa a produzir um sentido muito mais amplo do que apenas

⁴ Atrelo aqui breves menções e usos do conceito de afroconsumo, termo usado no âmbito mercadológico, pouco problematizado na academia.

necessidade ou moda. Assumir uma postura decolonial e contestar sua agên⁵cia ao assumir uma postura afrocentrada nas esferas do consumo vai além das questões de representatividade e identidade, é sobre o direito de existir dentro de uma sociedade que silencia a agência da negritude.

De acordo com Muniz Sodré (1983) a produção de sentido se dá através da razão, razão essa localizada no Ocidente, que é construída através do pensamento dos indivíduos da sociedade branca e eurocentrada. Esse deslocamento da cultura reflete diretamente nos atores sociais e na formação da identidade. Posto que a identidade étnica-racial de uma pessoa negra é construída ou destruída historicamente em meio a uma série de mediações que se diferem culturalmente, e que cada cultura, assim como os indivíduos são multiculturais (CARNEIRO; 2013; GOMES, 2019; CORTINA, 2005), concorda-se que “o multiculturalismo deve levar em conta os temas da identidade racial e da diversidade cultural” (MUNANGA, 2003, p. 6). E o que vemos na mídia pós-moderna é uma tentativa de diversificar as representações dos atores sociais que compõem a sociedade.

Não obstante, "a expressão cultural tem sempre sido uma maneira de resistir à opressão e de expressar experiências de resistência e luta" (KELLNER, 2003, p. 204), e o que vemos na internet são manifestações culturais, sociais e políticas contra sistemas culturais dominantes que diminuem a importância das minorias. Ao mesmo tempo percebemos que a comunidade negra busca resgatar parte de suas ancestralidades na tentativa de construir e ressignificar a sua identidade atravessada que fora construída em cima das lógicas do racismo e destruída sob o sistema escravagista.

O senso comum remete à diferença das identidades enquanto ponto de partida, diferenças essas que podem ser sustentadas pela exclusão e vistas como fontes de conflito e manipulações sócio-econômicas e político ideológicas, (SODRÉ, 2006; WOODWARD, 2014; MUNANGA, 2003), o que se vê, diferentemente do que se pensava antes, não é uma crise de identidade dos povos colonizados, e sim uma tentativa de valoração e construção de uma identidade em conformidade com a multiculturalidade que se apresenta na sociedade.

⁵ Agência – cultural, econômica, política e social – é um dos pontos epistemológicos da afrocentricidade, que se refere ao protagonismo do africano no seu próprio mundo, pois a desagência traz a condição de marginalidade (ASSANTE, 2009).

Mídia hegemônica e poder simbólico

O feminismo negro enquanto movimento antirracista tem colhido frutos de suas práticas ressignificação da imagem da mulher negra na sociedade, e esse feito acaba refletindo na identidade e na subjetividade das afrodescendentes.

A subjetividade pode ser construída através das relações sociais que os sujeitos desenvolvem com o mundo, e que reflete diretamente na forma como elas se enxergam diante da sociedade, a mídia enquanto detentora de um poder hegemônico, cultural, econômico e social pode vir a ser um fator determinante na construção do senso comum da sociedade, assim como na identidade dos sujeitos. E, a partir dessa premissa podemos pensar no alinhamento entre o consumo midiático e o racismo estrutural e institucional, partindo da ideia de que o campo audiovisual por muito tempo foi comandado por homens brancos. E, uma vez que “as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos (ALMEIDA, 2019, p. 47), pensar as instituições midiáticas como uma mediadora das práticas da sociedade nos ajuda a compreender os motivos pelos quais os estigmas acerca da negritude, e da mulher negra foi construído na sociedade.

O campo simbólico da cena descrita e analisada anteriormente nesse texto nos faz pensar nas relações dos indivíduos com a hierarquia patriarcal das instituições midiáticas. E, pensando o campo simbólico nas proposições de Bourdieu (2000), podemos nos questionar sobre o lugar ou não-lugar que ele se encontra, e na invisibilidade das mulheres negras na mídia, uma vez que “os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados” (BOURDIEU, 2000, p. 9),

Pensando na estruturação do consumo enquanto poder estruturante que replica práticas racistas na mídia, constata-se a facilidade em estereotipar a imagem das pessoas negras, e a dificuldade para desconstruir o imaginário coletivo. Mas no que concerne a legitimidade histórica da negritude, o movimento cultural identitário do negro é observado na contemporaneidade “na retomada de si, isto é, na sua afirmação cultural, moral, física e intelectual, na crença de que ele é sujeito de uma história e de uma

civilização que lhe foram negadas e que precisava recuperar”. (MUNANGA, 1990, p. 111).

Pensando a emergência do consumo audiovisual negro, no que se refere às mulheres negras e a valorização da cultura negra, é possível realizarmos um cruzamento com o pensamento de Guy Debord (1997), uma vez que “ondas de entusiasmo por determinado produto, apoiado e lançado por todos os meios de Comunicação, propagam-se com grande rapidez” (1997, p. 44). Nesse fluxo é possível pensar que a negritude está na moda, devido aos esforços do Movimento Negro em ressignificar a própria negritude, ainda que seja possível identificar a ambiguidade valorativa (DOMINGUES, 2005) que se constitui na sociedade.

Os sujeitos e instituições têm desenvolvido novas formas de ser no mundo, e esse novo processo formativo se dá “pela aprendizagem, que se desenvolve através da experiência, às quais se aplica uma observação na empiria do sentir, do ver, e do ouvir” (CHARAUDEAU, 2013, p. 44). A visibilidade que os conteúdos e produtos midiáticos de temática negra têm adquirido nas instituições e cotidiano proporciona um descolamento da marginalidade cultural, ao mesmo tempo que conversa com a experiência dos sujeitos, atuando na produção e formação de sentido que refletem em suas realidades. A ressignificação da identidade negra resulta em cidadãos que sentem uma sensação de pertença ao serem representados e ao terem suas demandas ouvidas, ainda que “a presença e a circulação de uma representação [...] não indicam de modo algum o que ela é” (CERTEAU, p. 40), é possível pensar que “a cidadania é um conceito mediador porque integra exigências de justiça e, ao mesmo tempo, faz referência aos que são membros da comunidade” (CORTINA, 2005, p. 27), ainda que em uma trama simbólica de representações (MARTIN-BARBERO, 1987).

A emancipação cultural reflete no âmbito da construção da identidade dos sujeitos negros, assim como no feminismo negro, encarceramento em massa, políticas públicas, interseccionalidade, saúde da população negra, representatividade, entre vários outros assuntos que abordam as questões sociais, políticas e econômicas, antes pouco presente nas mídias. E, as heranças sociais deixadas pelo período escravagista fazem parte da identidade, do conhecimento, da história de vida enquanto afrodescendente e ator social, entretanto a emancipação dos saberes proporcionada pelos Movimento Negro reflete diretamente na forma como o próprio negro enquanto agente, passa a se

posicionar perante a construção da imagem e estereótipo da negritude, alcançando méritos sociais e políticos dentro da sociedade.

Conclusão

As abordagens e formas de produção e consumo voltado para o público negro desloca as práticas de consumo para além do âmbito mercadológico, resultando na produção de produtos audiovisuais que abordem questões contemporâneas, subjetividades e ressignificações da figura do negro na sociedade. A representatividade e o protagonismo de personagens negras colaboram na ressignificação da figura da mulher negra nas narrativas, resultando em mudança nas práticas de produção, consumo e até mesmo recepção.

Os olhares acerca das emergências da população negra redirecionaram o foco para práticas e reflexões antirracistas na sociedade, reconstruindo percepções acerca da negrofobia social. Na contemporaneidade as contestações através do uso das mídias sociais digitais têm chamado atenção para questões de representatividade, pertencimento racial, identidade e consumo.

No campo audiovisual o consumo de mídias que apresentam debates e reflexões contemporâneas acerca de gênero, raça e classe têm crescido consideravelmente, ainda que no contexto brasileiro, apresentem muitas produções pautadas no contexto de classe. O negro pobre, favelado, criminoso ainda é uma das abordagens mais populares nos produtos audiovisuais brasileiros, entretanto, o Movimento Negro contemporâneo tem atuado na desmitificação dos negativismos acerca dos corpos negros, na ressignificação da cultura negra e no fortalecimento do negro dentro da sociedade, o que pode vir a incidir na construção de personagens de pessoas negras menos insubordinados nas telas.

Em conformidade com o que propõe Adorno e Horkheimer (1985) ao dizerem que uma das maneiras de emancipar os indivíduos das práticas de escravização cultural seria desenvolver uma formação das relações com a educação no âmbito da política e da cultura de uma forma diferente, constata-se que a ressignificação da identidade cultural da negritude no âmbito social e midiático tem provocado uma mudança relativa na forma como a sociedade têm debatido o mito da democracia racial no Brasil.

As provocações de diferentes áreas da sociedade tensionam a cosmovisão dos padrões da sociedade construída a partir de uma perspectiva eurocêntrica. As contestações decoloniais, e afrocentradas acerca dos padrões de cultura eurocentradas e impostas nas sociedades têm resultado na descolonização do conhecimento, saberes e práticas sociais

O sucesso da personagem no cruzamento das mudanças dos processos sociais, na questão da agência negra tem resultado em uma forma de afroconsumo audiovisual pode ser visto como um produto audiovisual de sucesso, tanto no âmbito social, quanto institucional. A personagem apresenta um desenvolvimento no aspecto da construção e cosmovisão de sua negritude de uma forma dramatizada, onde não há romantização das suas dores, história e traumas, mostrando que classe, gênero e raça ainda que sendo questões que foram silenciadas por muito tempo dentro das sociedades e instituições, já estão sendo tensionadas para além dos movimentos negros.

Referências

ADORNO, Theodor W e HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1985.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ASANTE, M.K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: Nascimento, E.L. (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p.93-110.

BOURDIEU, 2000. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CANCLINI, Néstor G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Contexto. São Paulo. 2013.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania**. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo (SP): Edições Loyola, 2005.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento da negritude**: uma breve reconstrução histórica. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005.

FIGARO, Roseli. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. In: **Revista Fronteiras – estudos midiáticos** 16(2): pp. 124-131, maio/agosto, 2014.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: o corpo e o cabelo como símbolos da identidade negra**. 3. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. 2. Ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2019.

Jacks, Nilda et al. **Jovem e consumo midiático**: dados preliminares do estudo piloto e da pesquisa exploratória. In: XXIII Encontro Anual da Compós, 2014, Belém.

MALDONADO-TORRES. **Decolonialidade e pensamento diaspórico**. Org. Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres, Ramon Grosfoguel. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MAZAMA, Ama. **A afrocentricidade como um novo paradigma**. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 111-128.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MUNANGA, Kabengele. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 33, p.109-117, 1990.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes: conceitos e metodologia(s). In: **VI Congresso SOPCOM**, Lisboa, 2009. Anais eletrônicos... Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 19 de Dez. de 2019.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clasco, 2005.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. **Cultura das séries**: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014.

SODRÉ, Muniz. Diversidade e Diferença. In: *Revista Científica Información y Comunicación*. Nº 3. Sevilha: Universidade de Sevilha, 2006.

TUZZO, S. A.; BRAGA, C. F. Pesquisa qualitativa: uma possibilidade de triangulação por métodos, fenômenos e sujeitos. In: 4o Congresso Ibero Americano em Investigação Qualitativa e do 6o Simpósio Internacional de Educação e Comunicação, 2015, Aracajú. In: **Livro de resumos, Investigação qualitativa em ciências sociais**. Aracajú: 2015.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. Org. Tomaz Tadeu da Silva. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.